

O COMÉRCIO E SERVIÇOS AMBULANTES: UMA DISCUSSÃO

Camila Kazumi Kitamura

Bolsista PET Geografia – Universidade Federal de Uberlândia
camilakitamura@yahoo.com.br

Mariana Miranda

Bolsista PET Geografia – Universidade Federal de Uberlândia
marimira21@yahoo.com.br

Vitor Ribeiro Filho

Professor do Instituto de Geografia – Universidade Federal de Uberlândia
vitor.f@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a expansão do comércio informal na área central das cidades, sua estratégia de localização, identificando as categorias funcionais dessa atividade econômica. É de suma importância entender também, as transformações ocorridas na paisagem em função dos camelôs e ambulantes. Devido à grande diversidade de produtos comercializados e de alguns serviços prestados no âmbito da Área Central, foi necessário estabelecer a classificação das categorias vinculadas às atividades econômicas nos espaços públicos, com base no estudo de Yazigi (2000) e Ribeiro Filho (2004). Essas categorias foram agrupadas de acordo com os produtos comercializados nas barracas, bancas e tabuleiros. Nota-se a assimilação e reprodução das contradições inerentes aos processos sócio-espaciais, de modo específico à dinâmica da Área Central, no que tange à expansão da economia informal e, por conseguinte, o crescimento dos camelôs nesta área das metrópoles e cidades de porte médio. A partir das evidências que surgiram no decorrer do processo do estudo podem aparecer novas indagações para futuros estudos sobre a economia informal, com destaque para os ambulantes/camelôs.

Palavras-chave: área central; comércio informal; camelôs e ambulantes

A DISCUSSION ABOUT THE COMMERCE AND AMBULANT SERVICES

ABSTRACT

This work has as objective to understand the expansion of the informal commerce in the central area of the cities, its strategy of localization, identifying the functional categories of this economic activity. It is very important to understand, the occurred transformations in the landscape in function of the ambulant and peddlers. Due to great diversity of commercialized products and some services given in the Central Area, it was necessary to establish the classification of the entailed categories to the economic activities in the public spaces, on the basis of the study of Yazigi (2000) and Ribeiro Filho (2004). These categories had been grouped in accordance with the products commercialized in the tents, boards and trays. It is noticed assimilation and reproduction of the inherent contradictions to the space processes, in specific way to the dynamics of the Central Area, in what it refers to the expansion of informal economy e, therefore, the growth of the peddlers in this

area of the metropolises . From the evidences that had appeared in the process of the study can appear new investigations for future studies on the informal economy, with prominence for ambulant/the peddlers.

Keywords: central area; informal commerce; ambulant and peddlers

INTRODUÇÃO

A reestruturação urbana que envolve a cidade nos dias atuais vista sob o prisma da centralidade, que é revelada pela área central, apresenta novas formas e funções que conferem valores diferenciados à paisagem urbana, principalmente no que se refere ao uso e ocupação do solo. A modificação da paisagem, na área central, corrobora com um processo de reprodução sócio - espacial que vem ocorrendo desde as últimas décadas do século XX, uma vez que o espaço urbano nada mais é do que a materialização de ações humanas e está em constante transformação, estabelecendo relações interdependentes e resultando num produto social urbano. A complexidade da área central se torna mais visível a partir do momento em que analisamos a sua configuração, na qual o núcleo central está inserido, revelando através de suas formas espaciais a apropriação que os espaços públicos vêm sofrendo por ambulantes e camelôs. A informalidade da economia será analisada a partir das atividades do comércio e serviços nos espaços públicos da Área Central, privilegiando, sobretudo, os vendedores ambulantes ou "camelôs", como são popularmente conhecidos. De forma específica, buscamos compreender a expansão do comércio informal, a estratégia de localização e identificar as categorias funcionais dessa atividade econômica da referida área.

A EXPANSÃO DA ECONOMIA INFORMAL

Ao analisar a formalidade-informalidade do comércio varejista, o estudo de Santos (1979), constituiu-se em referência básica para a compreensão da estrutura comercial das cidades do Terceiro Mundo. A sua principal contribuição resulta na caracterização da economia urbana em dois sistemas: o "circuito superior" e o "circuito inferior". O autor argumenta que os dois circuitos estão articulados entre si. Porém a diferença fundamental entre as atividades desses dois sistemas está nas modalidades de capital, tecnologia e organização. Contudo, devemos notar que há uma dependência do circuito inferior em relação ao superior.

Independente de ser uma alternativa de ganho para os desempregados ou uma saída para pagar menos impostos (SANTOS e REZENDE, 2003), o certo é que a expansão da economia informal nas últimas décadas nas grandes e médias cidades, com destaque para a área central, têm despertado a atenção, tanto dos estudiosos dessa temática, quanto das autoridades públicas e dos empresários que atuam nesse setor da cidade.

O estudo de Melo e Telles (2000) revela que o avanço dessas atividades não se apresenta como um fenômeno transitório. No caso brasileiro, deve ser destacado o aumento expressivo do comércio ambulante no interior da atividade comercial. De acordo com os autores, 68% dos postos de trabalho no âmbito comercial são oriundos do comércio varejista e atacadista, mas 21% derivam-se da categoria ambulante, tendência que se manifestou mais fortemente nos anos 90 em todo o país.

Em Manaus, segunda metrópole da Região norte, houve o reconhecimento do comércio de rua com o credenciamento dos camelôs na gestão do prefeito Amazonino Mendes em 1993. Segundo dados da Secretaria Municipal de Abastecimento de Feiras e Mercados (SEMAF), existem 2.342 camelôs no centro da cidade e 935 nos bairros. Além desses, é preciso considerar aqueles que possuem autorização provisória e um grande número de outros ambulantes sem credenciamento. Nas cidades médias, esse fenômeno ganha expressão com o aumento populacional, tanto de naturais quanto de migrantes e a defasagem na oferta de empregos para essa população em contínuo crescimento. Uberlândia exemplifica esta análise. Por ser a terceira maior cidade do

Estado de Minas Gerais, as principais praças e ruas da sua área central estão tomadas por camelôs que comercializam diversos tipos de produtos.

No entanto, há que considerar outros fatores que contribuem para o aumento do comércio informal, tais como a baixa qualificação do trabalhador, associada ao ciclo de vida e, por conseguinte a perda do emprego que faz com que esse desempregado encontre muitas dificuldades para retornar ao mercado de trabalho formal. Assim, esta pessoa vai desempenhar alguma atividade no comércio informal. Por outro lado, não podemos desprezar a falta de perspectivas econômicas em alguns setores da economia, em detrimento de uma possível melhor renda no comércio informal, de outra forma, para a complementaridade da renda familiar, principalmente dos aposentados, que deve ser considerada na reflexão desta complexa temática em questão.

AMBULANTES E CAMELÔS: DIFERENÇAS E SIGNIFICADOS

A economia informal é um conceito bastante abrangente, mas o comércio de camelôs e ambulantes é a parte mais representativa desse setor. De acordo com o Programa Regional de Emprego para a América Latina e Caribe (PREALC), citado em SINGER E POCCHMAM, (2001, P. 13), o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil distinguir as diferenças entre capital e trabalho. Essas atividades se utilizam de pouco capital, técnicas rudimentares e mão de obra pouco qualificada, que proporcionam empregos instáveis de reduzida produtividade e baixa renda.

Os termos camelô e ambulante, na maioria das vezes, são utilizados como se tivesse o mesmo significado. Mas ao se comparar alguns autores pode-se perceber algumas diferenças nos conceitos. Em Bertolucci (2003), os camelôs apresentam ponto fixo, trabalham em barracas de boa qualidade e, geralmente, têm autorização oficial para se estabelecerem em um determinado local. Já os ambulantes não apresentam um lugar fixo e suas mercadorias são mais baratas se comparadas às dos camelôs. O autor conceitua ainda, “vendedores autônomos” que engloba os donos de bancas de jornal e revistas ou de quiosques alimentícios, que têm instalações sofisticadas. O critério adotado para a diferenciação dos conceitos é a mobilidade espacial do vendedor.

Já a Lei 11039, de 23.08.1991 da cidade de São Paulo, citada por Yázigi (2000) entende por ambulante, o vendedor ou prestador de serviços, incluindo formas de comércio e lazer. O termo marreteiro é usado para aqueles que não têm licença. Ainda para esse autor as formas de atividade ambulante podem ser de três tipos: efetivas, que podem carregar equipamentos; com ponto móvel, com automóveis ou equipamentos desmontáveis e as com ponto fixo que utilizam barracas não removíveis.

Para Cleps (2003), não há distinção entre os termos, mas há uma divisão do comércio informal em três grupos: os fixos que se encontram em áreas estratégicas de grande movimentação, os periódicos que ocorrem em áreas de lazer, instalando-se nos finais de semana e feriados e os ocasionais que aparecem em torno dos comércios formais, em festas comemorativas ou outros eventos que atraíam um grande público.

Montessoro (2006) refere-se aos camelôs como sendo aqueles que já possuem um ponto estratégico para desenvolver suas atividades, seja em bancas nas ruas ou num camelódromo. Quanto aos ambulantes, seriam as pessoas que precisam se locomover para realizarem suas vendas. Porém, não faz nenhuma separação classificatória para efeito de análise.

ESTRATÉGIA DE LOCALIZAÇÃO DOS AMBULANTES E CAMELÔS

Por ser atividade econômica característica de rua, a localização do comércio e serviços ambulantes depende exclusivamente do espaço público, como os logradouros e as vias. Dentre as formas exercidas dessa atividade pelos ambulantes/camelôs, predominam três tipos: 1) ponto móvel (efetivo), com equipamentos (barracas e pequenas bancas) desmontáveis ou veículos automotores; 2) em circulação, com carrinhos de mão, tabuleiros e demais suportes de apoio que sirvam para expor suas mercadorias e 3) ponto fixo, ou seja, barracas não removíveis.

Os espaços públicos com enfoque para as praças, calçadas e ruas, são os ambientes mais utilizados para localização dos ambulantes/camelôs, uma vez que estes espaços estão localizados em partes privilegiadas da área central e possibilitam a circulação de pessoas e, conseqüentemente, o comércio.

A partir da expansão dos vendedores ambulantes, há necessidade de se criar um estabelecimento para que estes possam se organizar espacialmente, como os camelódromos ou shoppings populares conceituados por Montessoro (2006) como centro comercial dos ambulantes. Ainda de acordo com essa autora, pelo fato desses comerciantes ficarem nas vias públicas (praças e calçadas), sempre foram vistos como uma anomalia do ponto de vista do planejamento. O que ocorre com esse tipo de trabalhador, é que as suas condições de alimentação e transporte são precárias, mas ao analisar-se a respectiva dinâmica de trabalho, constata-se que não estão desestruturados, já que sempre apresentam um ponto para as vendas, ainda que não fixo, bem como as mercadorias a serem comercializadas.

Os espaços públicos em questão passam a ter valor de mercadoria, pois os mercadores ambulantes dele se apropriam privadamente, por não terem nenhum custo de localização, não pagarem aluguel e nem impostos, utilizando-o assim, para comércio informal e obtenção de lucros. A rua, enquanto um espaço público assume papel multifuncional, pois de acordo com os diferentes períodos do dia, apresenta funções diferenciadas e públicos variados.

Ao observar-se a dinâmica das cidades de médio porte e também das metrópoles, percebe-se que os camelódromos, construídos para oferecer um lugar legalizado aos ambulantes, localizam-se próximos aos terminais de transporte urbano. Essa localização é estratégica, uma vez que essa é uma área de grande circulação de pessoas de renda baixa, e que estarão sempre atraídas pelas mercadorias com preços populares, vendidas nos camelódromos.

É importante ressaltar que a apropriação das vias públicas pelos ambulantes e camelôs está relacionada a vários fatores, dentre os mais significativos o desemprego. Sem dúvida, esse é um problema crítico que afeta nosso país, repercutindo de forma negativa na vida de seus cidadãos, comprometendo suas qualidades de vida.

Com a crise que assola a economia, o setor informal tende a crescer, pois o número de trabalhadores desempregados e que não possuem qualificação profissional é alto; ficam mais prejudicados e sem opções de se inserirem novamente no mercado de trabalho, optando, então, pela informalidade como meio de sobrevivência e apropriando-se da rua, agora como local de trabalho.

As vias públicas tornam-se palco de uma realidade econômica em transformação e, ao mesmo tempo, revelam uma sociedade urbana que está firmada em valores consumistas e práticas exageradas no que diz respeito à aquisição de produtos. Sabemos que grande parte da população brasileira adquire produtos comercializados pelos trabalhadores informais, uma vez que o valor agregado aos mesmos é baixo, facilitando o poder de compra da população de baixa renda.

AS CATEGORIAS FUNCIONAIS

Em função da grande diversidade de produtos comercializados e de alguns serviços prestados no âmbito da Área Central, foi necessário estabelecer a classificação das categorias vinculadas às atividades econômicas nos espaços públicos, com base no estudo de Yazigi (2000) e Ribeiro Filho (2004).

A classificação utilizada para as categorias vinculadas às atividades econômicas do comércio informal, foram agrupadas de acordo com os produtos comercializados nas barracas, bancas e tabuleiros:

a) COMÉRCIO VAREJISTA:

- Alimentação: refeições, lanche, comida regional e churrasco;
- Bebidas: água mineral, refrigerante, cerveja e batidas;
- Frutas e Legumes e verduras;

- Produtos Alimentícios;
- Produtos Naturais;
- Cigarros;
- Vestuário: masculino, feminino, infantil, roupa íntima;
- Calçados: adulto e infantil;
- Acessórios para Vestuário e Calçados: bijuteria, boné, carteira, cinto, bolsa, brincos, anéis, guarda-chuvas, fivela, cadarço, espelho;
- Cama, mesa e banho;
- Redes;
- Relógios;
- Presentes;
- Cd's e Fitas;
- Brinquedos;
- Produtos Importados;
- Cosméticos e Perfumes;
- Artesanato;
- Artigos para o Lar e Utilidades Domésticas;
- Peças para Eletrodomésticos;
- Ferramentas;
- Material Elétrico e Hidráulico;
- Material de Higiene: escova de dente, mamadeira, bico, papel higiênico, pasta dental;
- Material Escolar: cadernos, canetas, lápis, borracha, dentre outros;
- Cartão Telefônico e
- Balas, chicletes e miudezas.

b) SERVIÇOS:

- Limpeza: engraxates e lavadores de carro;
- Reparadores: painéis, guarda-chuvas; facas, alicates, tesouras;
- Conserto: confecções, calçados, relógios e semi-jóias;
- Chaveiro;
- Fotografia: "lambe-lambe" e foto instantânea;
- Publicidade: distribuidores de folhetos e os "cavaletes humanos";
- Guardadores de Carro;
- Banca de Bicho.

A identificação dessas categorias pode variar, de acordo com o tamanho da cidade e da região na qual está inserida. Contudo, nota-se que elas estão presentes na maioria dos centros urbanos do país, com destaque em sua área central.

Cabe ressaltar que, em diversos tipos de produtos da economia informal, existe a interação com o circuito superior, por meio de várias formas de comercialização, de acordo com a origem dos produtos, a ação dos intermediários e a localização dos consumidores (CORRÊA, 2000).

No caso dos ambulantes/camelôs de Manaus, vendem-se mercadorias adquiridas junto a setores da economia formal, como as importadoras, lojas de confecções e distribuidores especializados nessa atividade comercial, que as repassam sem notas ou pagamento de impostos, sem contar a origem duvidosa do produto. Existem, entretanto, alguns casos, em que o próprio vendedor ambulante produz parcialmente a sua mercadoria, a exemplo do artesanato, dos produtos naturais, alimentação (lanche e comida regional), entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pujança do comércio popular, assim como o grande fluxo de pessoas e veículos, evidenciam que o centro da cidade está sendo ocupado e freqüentado por todas as classes sociais, porém, com tendência ao predomínio do comércio varejista direcionado para a população de menor nível de renda (VILLAÇA, 1998).

Nesse contexto, constata-se que está havendo um processo de refuncionalização das atividades do núcleo central e de alguns setores da zona periférica do centro. O que está ocorrendo, na verdade, é uma substituição de usos menos intensivos por outros mais intensivos, como forma de aumentar o volume de negócios (MURPHY, 1966) e não uma “crise” da área central.

As transformações da Área Central e, por conseguinte, o crescimento da economia informal, são reflexos dos processos sócio-espaciais que alteraram a sua configuração interna e a dinâmica na ocupação funcional, bem como o perfil do consumidor dos estabelecimentos de comércio e serviços.

A partir das evidências que surgiram no decorrer do processo do estudo podem aparecer novas indagações para futuros estudos sobre a economia informal, com destaque para os ambulantes/camelôs. Assim, cabe então perguntar: Quais os fatores que contribuem para o processo de popularização das atividades de comércio e serviços na Área Central? Até quando esse processo continuará em vigor? Quais os ganhos e perdas da expansão desse comércio popular na Área Central? É possível reverter o atual quadro em que se encontra a Área Central, de forma específica para o seu núcleo central, onde está concentrada a maioria dos ambulantes/camelôs?

Essas novas questões remetem à problemática inicial e refletem a complexidade da produção do espaço urbano na sociedade capitalista, no contexto da realidade brasileira e latino-americana. Nota-se a assimilação e reprodução das contradições inerentes aos processos sócio-espaciais, de modo específico à dinâmica da Área Central, no que tange à expansão da economia informal e, por conseguinte, o crescimento dos camelôs nesta área das metrópoles e cidades de porte médio.

REFERENCIAS

- BERTOLUCCI, Fábio Luiz. A área central de Uberlândia: espaço preferencial das atividades informais – os camelôs e os ambulantes. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., 2003, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2003. Disponível em <<http://www.ig.ufu.br>>. Acesso em: 21 jan. 2006.
- CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O comércio informal e a cidade. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2003. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br>>. Acesso em: 21 jan. 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Comércio e Espaço: uma retrospectiva e algumas questões. **Textos LAGET - Série Pesquisa e Ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 2, 2000.
- MELO, Hildete P.; TELES, Jorge Luiz. Serviços de Informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro. **Texto para Discussão** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, n. 773, 2000.
- MONTESSORO, Claudia. **Centralidade Urbana e Comércio Informal: Os Novos Espaços de Consumo no Centro de Anápolis**. Presidente Prudente, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.
- MURPHY, Raymond E. **The American City** – an urban geography. New York: Mc Graw-Hill, Company, 1966, p. 283 – 316.
- RIBEIRO FILHO, Vitor. **A Configuração da Área Central de Manaus e sua Dinâmica Recente**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFRJ.
- SANTOS, Milton. **O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SANTOS, Rosselvelt José; RESENDE, Luiza de. **A Economia Informal, a Cidade e os Ambulantes: Lugares e Estratégias em Uberlândia - MG**. Uberlândia: Instituto de

Geografia/Universidade Federal de Uberlândia. Inédito (com permissão dos autores para citação), 2003.

SINGER, Paul; POCHMANN, Márcio. **Mapa do trabalho informal**: Perfil sócio econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

YÁZIGI, E. **O mundo das calçadas**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2000.